

PLDC 2013 – Copenhagen

Caminho sem volta

Por Rodrigo Roveratti

Chegando a Copenhagen, nitidamente sofri um forte impacto em relação ao clima austero do outono nórdico, especialmente por ser brasileiro radicado nos Emirados Árabes Unidos. Cheguei à cidade, dois dias antes da convenção começar, com o objetivo de conhecer um pouco o local e me ajustar ao fuso horário e ao frio intenso. Já no primeiro dia, percebi que a comunidade de iluminação do mundo estava chegando à capital da Dinamarca, seja ela no âmbito de arquitetos de iluminação, fabricantes, distribuidores ou, até mesmo, curiosos em luz.

Enfim, tive a oportunidade de reencontrar antigos colegas da Austrália, da universidade de Estocolmo, professores e profissionais de primeira linha que viajaram para dialogar, discutir e dividir os seus conhecimentos e ideias com todos que estivessem interessados.

Acredito que a era da luz estática – que segue as linhas da arquitetura e revela a verdade dos materiais – esteja com os dias contados, como o próprio slogan da convenção dizia: “Caminho sem volta”. A tecnologia está dominando o ramo de iluminação intensamente e de maneira irreversível, eu diria, principalmente devido ao uso do LED e dos complexos sistemas de automação que vêm acoplados ao pacote.

Na maioria das palestras, que não foram poucas – mais de 70, no total, ocorrendo paralelamente em quatro salas diferentes –, percebi que todos os projetos com luz artificial tinham algum tipo de movimento de luz integrado ao sistema de automação. Fiquei me perguntando: daqui a 20 ou 30 anos, como iremos nos avaliar a respeito do que estamos produzindo nos dias de hoje? Será que estamos caminhando na direção certa, esteticamente falando? Será que nós, arquitetos de iluminação, estamos mais preocupados em seguir uma tendência tecnológica devido à facilidade de obtê-la ao invés de nos concentrarmos apenas em desenhar com luz? Por que a luz tem que estar em movimento



Divulgação

o tempo todo, nessa velocidade frenética que nem mesmo os produtores dessa tecnologia são capazes de controlar?... Nesse aspecto tecnológico/estético, voltei com muito mais questões do que soluções.

Felizmente, por outro lado, em outras palestras, uma luz no fim do túnel – ou mais de uma: tendências que vieram para ficar. Pela primeira vez na vida, vi uma apresentação séria sobre luz social, para todos, que me tocou profundamente, onde equipes de lighting designers trabalham em mutirão – como se fossem da

Cruz Vermelha – em prol da necessidade de iluminação para a população que sofre com acidentes naturais, como o terremoto no Haiti, enchentes na Colômbia e favelas nas Filipinas, e educam sobre como construir fontes de luz com materiais reciclados em comunidades carentes da África.

Outra tendência inspiradora que não é novidade, mas está a cada dia se tornando mais forte, é o casamento entre arquitetura e iluminação natural. Vi diversos projetos que utilizam o sol como principal fonte de luz e, até mesmo, como “material construtivo” dentro do ambiente, como mostrado em um projeto na Jordânia, Oriente Médio, onde a luz solar em abundância é literalmente renegada pela população local (posso falar com propriedade, pois vivo nessa região há mais de sete anos). A obra em questão é do arquiteto Sahel Al Hiyari, que projetou o resort Najwa, no deserto de Wadi Rum, utilizando luz natural com maestria como ponto fundamental para elaborar o conceito arquitetônico.

Como conclusão, a experiência foi muito positiva devido à qualidade dos palestrantes e dos assuntos em pauta. É claro que vale a pena ressaltar o aspecto social/networking do evento, onde a comunidade de iluminação se encontra para discutir ideias, soluções e experiências. Vemo-nos em Roma 2015. ◀

Rodrigo Roveratti

Lighting designer brasileiro que trabalha em parceria com o escritório Delta Lighting Solutions desde 2007 em Dubai, Emirados Árabes Unidos.